

Entre cineastas da cidade, ressalvas



Adauto Cruz/CB/D.A Press - 5/10/10

» FELIPE MORAES

É com mais ressalvas que elogios que a Associação Brasileira de Cinema e Vídeo (ABCV) enxerga a reestruturação do Festival de Brasília. “Não é um consenso. Mas a maioria das pessoas acha um absurdo a retirada do ineditismo. Foram tomadas três providências para deixar o festival mais atraente: aumentar o prêmio do melhor longa-metragem para R\$ 250 mil, mudança da data e retirada do ineditismo. Essa combinação deixou o festival como qualquer outra coisa. Ninguém precisa mais segurar o seu filme para a competição”, afirma João Paulo Procópio, presidente da ABCV.

Procópio também reclama da seleção dos títulos que entraram na mostra: para ele, a organização do evento não teve tempo de ver todos

os 624 inscritos (entre longas, curtas e animações). “Matematicamente, foi impossível. É uma falta de respeito com os cineastas e com o público, e de entendimento do processo”, completa. As reclamações da associação, avisa o presidente, devem ser registradas oficialmente. “Certamente. A postura que vamos tomar vai ser tomada de acordo com o caminhar do festival”, informa.

O líder da categoria também vê com desconfiança a projeção digital. “Todos os filmes vão ter redução de resolução. A tela do Cine Brasília é a maior da cidade, mas a projeção, com certeza, será aquém do que os realizadores esperavam quando finalizaram os filmes. Quando foi comunicado que a Mostra Brasília seria em DVD, houve diálogo e eles resolveram, para evitar constrangimento. Vai ficar melhor que a mostra oficial”, acredita.

Procópio: “É uma falta de respeito com os cineastas e com o público”

TRÊS PERGUNTAS // NILSON RODRIGUES, COORDENADOR-GERAL DO FESTIVAL DE BRASÍLIA

Por que mudar o Festival de Brasília?

Nós fizemos mudanças conceituais e estruturais. Criamos novas mostras paralelas, ampliamos para o digital: isso é mudança estrutural. Voltamos a investir no festival como espaço de debates e de reflexões sobre os destinos do cinema brasileiro. É um conjunto de reflexões e discussões muito adequadas ao perfil do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Nós precisávamos investir

nisso novamente em um momento importante para o cinema brasileiro após a votação do Projeto de Lei nº 116, que altera profundamente a relação dos produtos audiovisuais brasileiros com as TVs por assinatura. Por exemplo, é o momento ideal para debatermos isso. Vamos retomar o debate político no festival.

É as transformações conceituais?

Elas também precisavam ser feitas:

a mostra de animação, incluir o digital... Estamos fazendo com que o festival se torne mais moderno, mais contemporâneo. O que considero muito importante estruturalmente é levar os filmes para as cidades satélites. Vamos sugerir ainda mais mudanças para o ano que vem. Eu digo isso em primeira mão: vou sugerir que se separe a mostra de documentário da de ficção. Vou deixar encaminhado para que seja feito por ano que vem.

Com todas as mudanças anunciadas, o festival voltou a ganhar competitividade em relação às outras mostras do país?

Todos os festivais são importantes. Mas acho que têm propostas diferentes e não competem entre si. O que posso dizer é que começamos um processo para que Brasília volte a ser o festival mais importante do país.